

Sobre o realismo da viagem, O manto fantasista do turismo

JORGE PACHECO DOS SANTOS * [jpachecos@gmail.com]

MARIA EUGÉNIA PEREIRA ** [epereira@ua.pt]

Resumo | O presente trabalho efetua uma releitura d'A *Relíquia* de Eça de Queirós a partir de uma perspetiva focada no estudo do Turismo, no contexto da literatura de viagens oitocentista e do percurso artístico do escritor, evidenciando as conexões entre este e a sua biografia. Procura-se, assim, proceder a uma aproximação entre os domínios literário e turístico – uma vez que o protagonista da obra é qualificado enquanto turista – salientando-se o respetivo percurso e as motivações que o animam.

Palavras-chave | Turismo, Literatura, Viagem, *A Relíquia*, Eça de Queirós.

Abstract | This paper carries out a renewed reading of Eça de Queirós' *The Relic* from a Tourism studies based approach, within the framework of 19th century travel literature and the author's literary path, highlighting the connections to his biography. Aiming to bridge the gap between the literary and the touristic domains – qualifying its main character as a tourist – his journey and motivation are emphasized.

Keywords | Tourism, Literature, Travel, *The Relic*, Eça de Queirós.

* **Doutorando em Turismo** na Universidade de Aveiro e **Investigador** da Unidade de Investigação GOVCOPP.

** **Doutora em Literatura** pela Universidade de Aveiro. **Professora Auxiliar** da Universidade de Aveiro e **membro** do Centro de Línguas e Culturas.

1. Introdução

O século XIX foi palco de profundas e variadas mudanças e a literatura de viagens – influenciada por fatores de ordem artístico-estético-ideológica, que tiveram origem nas transformações sociais e tecnológicas – também sofreu grandes mutações.

O turismo, por sua vez, foi-se progressivamente popularizando, tendo o gradual aburguesamento e a orientação para uma fruição de Lazer e Recreio – em detrimento de um propósito pretensamente mais formativo dos séculos precedentes – contribuído para a “erosão” do sentimento de elitismo e exclusivismo que lhe eram características.

Expoente máximo de uma geração de escritores e pensadores portugueses, Eça de Queirós questiona e reposiciona a sociedade do seu tempo, a sua escrita, o seu pensamento e a sua própria vida pessoal e profissional. Reafirmando o seu ensino de humanismo – por entre voltas e reviravoltas estético-filosóficas – numa das suas derivas pós-realistas/naturalistas escreve *A Relíquia*, onde relata um périplo burlesco fantasista por terras do Oriente, fundamentado em parte na sua própria vivência pessoal.

Contrapondo-se ao habitual exercício de revisão literária ou cultural, o presente texto procede a uma releitura da referida obra, posicionando-a no campo de estudos do Turismo (Tribe, 1997)¹. Inspirando-se nos itinerários turístico-literários, procurar-se-á situar a obra no contexto da literatura de viagem e da própria vida do autor, bem como qualificar o protagonista enquanto sujeito turístico.

2. Viagem, turismo e literatura

Constituindo a viagem um tema literário já longínquo no tempo, a sua alusão testemunha um compromisso com os valores da época em que é relatada e o território em que se enquadra. Obras clássicas como *A Ilíada* ou *a Odisseia*, de Homero, exemplificam o que se tem categorizado de literatura

de viagem: movimentando-se num espaço confinado ao mundo helénico, o herói – sujeito a forças superiores, extrínsecas – é desprovido do livre-arbítrio.

Já na Idade Moderna, Luís de Camões escreve a sua obra-prima (*Os Lusíadas*), uma epopeia onde narra os feitos hegemónicos e etnocêntricos dos navegadores portugueses por ‘viciosas’ terras de África e da Ásia, ao serviço da dilatação da Fé e do Império (Figueiredo & Ruschmann, 2004; Sacramento, 2004). É a partir desse século - muito graças às grandes navegações para o Oriente e para o Novo Mundo - que a viagem se vai transformando, lentamente, numa prática quotidiana, dando os cronistas conta das suas travessias e paragens por terras além-mar. Atestam-no os cada vez mais populares diários e extensas cartas, pautados pelo realismo da descrição da paisagem, das formas de vida, das riquezas naturais, dos povos indígenas e do comportamento dos exploradores/conquistadores ocidentais.

Ora, por volta do século XVIII, o perfil do viajante naturalista – mais interessado nas características culturais, religiosas e naturais do Novo Mundo – havia já substituído o do conquistador-missionário-aventureiro (Figueiredo & Ruschmann, 2004).

Evidenciando uma profunda transformação face aos séculos XVII e XVIII, o relato tradicional de viagem existente no início do século XIX começou a perder a função de registo de peregrinação ou de exploração geográfico-científico-etnográfica, dando lugar a uma narrativa subjetiva da experiência vivida pelo viajante, de feição literária. O acento tónico transitou então do viajante sábio/explorador para o escritor em viagem, ou, dito de outra forma, o relato já não se justificava pela viagem, antes se assumia como a sua *raison d’être*. Este relato deixava, portanto, de ser o palco dos tradicionais exploradores, comerciantes, diplomatas, militares, missionários, marinheiros ou intelectuais, passando a ser protagonizado pelo colecionador, arqueólogo, passeante ou *flâneur* (Park, 2012).

¹ E, por tal, apologeticamente denominada “turismológica”, ainda que o epíteto seja normalmente utilizado no sentido da argumentação de uma alegada natureza disciplinar.

Mais temperamental e impressionável pelas minudências quotidianas, este viajante humorístico (como o designa Daniel Sangsue) deambulava por destinos marginais, cumprindo trajetos bem menos extensos e monumentais que os périplos tradicionais. Digressivo e paródico, o relato excêntrico que lhe era característico não se eximia à descrição dos monumentos e à caracterização dos costumes orientais², mas o exercício descritivo passava a ser muito mais breve. Exemplo disso eram as cada vez mais populares cartas, os diários, os artigos de jornal, as memórias ou os esboços, habitualmente fontes de pormenores instrutivos e anedotas pessoais, povoadas de fábulas e estudos (Park, 2012).

A par dos consideráveis desenvolvimentos verificados, tanto em termos da rapidez dos transportes como no seu conforto, o despertar da paixão oitocentista pela viagem pode compreender-se naquilo que foi um pessimismo latente, um sofrimento invisível denominado *mal du siècle* – que se caracteriza por uma certa melancolia e um desejo de evasão, subsequentes à tomada de consciência do afastamento entre sonho e realidade (na esteira de várias décadas de convulsão, desde a Revolução Francesa às campanhas napoleónicas) –, ao qual se associa um interesse crescente pela história nacional (Park, 2012).

Por sua vez, a raiz etimológica daquilo que se designa por Turismo assenta, é certo, num fenómeno de contornos modísticos, observável a partir do século XVII na jovem aristocracia (masculina) inglesa, encorajada a viajar pelos expoentes culturais do continente europeu. Acompanhada de tutores - durante períodos que, não raramente, atingiam os três anos - a digressão constituía o culminar de uma educação com vista à conquista de posições na corte isabelina. Pelo final do século XVIII, o apelo do então aburguesado *Grand Tour* (assim eternizado) havia-se reduzido à sua feição mais social e epicurista e, em

conformidade, estabelecido sobretudo em cidades como Paris, Veneza ou Florença (Holloway, 1994).

Contrastando com o viajante humorístico, a noção de turista, que se vai cristalizando durante o século XIX, apontava para um personagem vulgar, já não individualizado ou aristocrata, mas um ‘consumidor’ de lugares: alguém que viajava por viajar, tão célere quanto possível e sem qualquer outro propósito que não fosse o do prazer em observar. Este emergia, assim, como o representante de um turismo industrializado; um turismo impulsionado pelas notáveis melhorias verificadas ao nível da rapidez, do conforto, da segurança e do custo dos transportes (fruto do desenvolvimento dos veículos ferroviários e aquáticos de propulsão a vapor) e pela comercialização em ‘pacotes’ de serviços coletivos (Holloway, 1994; Park, 2012).

Com a subsequente expansão da rede de transportes, destinos como as estâncias balneares e as termas começaram a predominar em termos do número de visitantes, à medida que a sua acessibilidade gradualmente se estendia aos estratos sociais menos abastados. Deixavam, portanto, de constituir o apanágio das elites, agora forçadas a optar por temporadas inteiras nos Alpes ou no Mediterrâneo, e a procurar destinos mais longínquos, podendo ir até à realização de verdadeiras voltas ao Mundo, com vista à manutenção da almejada exclusividade social (Ferreira, 2003).

Desta forma se compreende que, concomitantemente com a assunção de uma índole mundana no ato de viajar, se assistisse a um acentuado declínio da publicação de literatura de viagem até finais do século XIX (Park, 2012).

3. Uma biografia sob o signo da transitoriedade

Considerado como provavelmente o mais completo, apurado e multifacetado prosador da literatura portuguesa, José Maria de Eça de Queirós perfilhou

² Neste contexto, a multiplicação das excursões pelo Oriente, sobretudo na primeira metade do século XIX, confirma uma inclinação romântica pelo regresso às origens, ao primitivismo e à vivência comunitária, num lugar espiritual contrapartidário de um Ocidente esgotado de inspiração (Park, 2012, pp.).

o ideário realista-naturalista de proeminentes escritores europeus do seu tempo, entre os quais se destacam Flaubert e Zola, com quem inclusive chega a ser equiparado; é a estes – a par de Proudhon, Taine e Comte – que aquele muito deve, sobretudo no seu projeto de análise dos tipos sociais e institucionais (Saraiva & Lopes, 1976).

O seu ingresso, em 1861, na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra haveria de marcar indelevelmente a sua vida pessoal e literária (pois é aí que aproveita para absorver tudo o que pode de Balzac, Nerval, Hugo, Proudhon, Heine, Michelet, Baudelaire, Shakespeare, Poe, Goethe e Hoffmann). Já com o diploma de bacharel na mão, rumo à capital no verão de 1866, abrindo-se-lhe, assim, uma outra porta sobre o mundo que o rodeia. Daí em diante, a sua vida será pautada por viagens dentro e fora do país, por descobertas e experiências que vão alimentar a sua invulgar capacidade de observação. Durante a passagem por Évora, funda o *Distrito de Évora*, que dirige e redige praticamente sozinho, entre finais de 1866 e agosto de 1867. O seu programa de ação jornalística, marcado por uma escrita desembaraçada e pessoal, pauta-se pela tônica da democraticidade, mas é a nomeação como administrador do concelho de Leiria³, em julho de 1870, que assinala indubitavelmente a sua entrada na vida literária (Mónica, 2001; Queirós & Berrini, 2000).

Regressado a Lisboa em junho de 1871, novos horizontes culturais se lhe abririam quando, em março de 1872, é nomeado Cônsul em Havana, apesar de, enquanto lá, apenas se haver a registar a publicação de ‘Singularidades de Uma Rapariga Loira’⁴, no final de 1873. As mudanças decisivas viriam, primeiro, com a sua transferência para Newcastle, no final de 1874, mas, sobretudo, para Bristol, em abril de 1879 (Mónica, 2001; Reis, 2000). Com efeito, foi nessa época que Eça deu azo à sua imaginação e à crítica social e política (quer sobre o seu próprio país, quer sobre os outros por onde vai permanecendo) e a panóplia de obras que daí resultou inclui tanto a prosa ficcional, como a não ficcional.

Em outubro de 1888, Eça alcança o tão ambicionado cargo de cônsul em Paris – para onde se muda com a esposa e os filhos – e as viagens a Portugal tornam-se mais frequentes. Esta será a fase madura da escrita queirosiana (onde se encontra o romance *Os Maias*), mas, e como sempre, outros textos corrosivos farão o retrato da sociedade onde se movimenta. Todavia, os anos finais da sua vida ficarão marcados por um crescente isolamento na sua escrita, na residência de Neuilly-sur-Seine. Não obstante, fará ainda várias viagens a Portugal, até que, vitimado pelo cansaço, parte para as termas de Arcachon em fevereiro de 1900 (já depois de uma breve temporada termal em Plombières, no verão de 1897), seguindo depois para Biarritz e Pau. Não refeito, ainda procurará ajuda médica em Genebra, acompanhado por Ramalho Ortigão, e, novamente sozinho, resolve ver um especialista em Heidelberg, mas em Basileia, extenuado, decide regressar a Paris, onde acaba por falecer a 16 de agosto (Mónica, 2001).

Afigura-se assim legítimo considerar que o cunho da viagem, patente desde tenra idade, e sob diversas formas, conferiu a Eça uma condição não somente de (semi/auto-) expatriado – pois cerca de metade da sua vida é vivida fora de Portugal –, mas também de viajante e, muito particularmente, de turista, o que é detetável quer na sua obra ficcional, quer não ficcional. É cáustico, crítico e diz o que quer, quando quer, sobre qualquer país. Isso mesmo será objeto de aprofundamento analítico no segmento seguinte, a propósito d’*A Relíquia*, cuja inspiração muito deve à viagem realizada em 1869 ao Egito e à Palestina, aquando da inauguração do Canal do Suez⁵, na companhia do amigo de infância, Luís de Castro (Mónica, 2001).

³ Tendo em perspetiva a carreira consular, que exigia um mínimo de seis meses de experiência prévia na função pública (Mónica, 2001).

⁴ Um conto cujo rascunho, ao que tudo indica, já levava quando partira de Lisboa (Mónica, 2001).

⁵ O Cairo e Jerusalém tê-lo-ão marcado indelevelmente, como dá conta na carta publicada no *Diário de Notícias* “De Port Said a Suez” (Queirós & Moura, 2000).

4. Uma leitura “turismológica” d’*A Relíquia*

Ostentando a epígrafe que ficará gravada na lápide do autor⁶, a redação d’*A Relíquia* inicia-se ainda em 1880, mas a primeira versão (de 1882) deixá-lo-á insatisfeito e dela se fará acompanhar na viagem a Portugal realizada no verão de 1884, na vã esperança de aí o terminar. Todavia, a sua publicação só terá lugar em 1887 – primeiro em folhetins, depois em livro – e pelo meio é de assinalar uma deslocação a Londres, em junho 1885, com o intuito de lá consultar documentos sobre a Jerusalém do século I na *British Library* (Mónica, 2001). Este terá sido, aliás, o manuscrito que mais pesquisa lhe mereceu – entre visitas a museus e bibliotecas, pedidos de bibliografia e compra de livros (Queirós & Berrini, 2000) –, algo a que não se escusava, mesmo nas obras de “fantasia” (Simões, 1980, p. 474).

⁶ “Sobre a nudez forte da verdade, o manto diáfano da fantasia” (Queirós, 1982, s.p.).

⁷ “[...] a afirmação de Topsius desacredita-me perante a burguesia liberal – e só da burguesia liberal, omnipresente e omnipotente, se alcançam, nestes tempos de semitismo e de capitalismo, as coisas boas da vida, desde os empregos nos bancos até às comendas da Conceição. Eu tenho filhos, tenho ambições” (Queirós, 1982, p. 13).

⁸ Ilustre doutor alemão pela universidade de Bona, sócio do Instituto Imperial de Escavações Históricas e historiador dos Herodes (Queirós, 1982).

No âmago da trama desta obra, encontra-se a narrativa burlesca das peripécias ‘vivas’ pelo personagem principal (Teodorico Raposo) durante a viagem empreendida à Terra Santa, com vista à obtenção de uma relíquia cristã para a sua abastada benemérita – ‘titi’ Patrocínio das Neves –, que o criara, desde a orfandade juvenil, na mais severa e estéril observância dos ritos católicos, e a quem cobiça herdar a fortuna. O pretexto para o relato autodiegético do périplo decorre da necessidade de retificação de algumas afirmações publicadas por um companheiro de viagem⁷, potencialmente nefastas numa sociedade burguesa.

Na obra em questão, o percurso do protagonista (Figura 1) inicia-se em Lisboa a 06 de setembro de 1875, seguindo-se a escala em Malta, onde se acamarada com Topsius⁸. A 30 de setembro chega a Alexandria, no Egito, alojando-se no Hotel das Pirâmides. Aqui, trava conhecimento com Alpedrinha, um moço de bagagens de Trancoso, que lhe recomenda Miss Mary, uma luveira Inglesa de lorque, com quem o “Raposão” se entrega à volúpia. Segue-se, então, a partida para Jerusalém, a bordo do paquete Caimão, e o desembarque em Jafa, onde Topsius contrata Paulo Potte, um guia montenegrino. Já hospedados no Hotel do Mediterrâneo, em Jerusalém, percorrem a Via Dolorosa e visitam o Santo Sepulcro. A caminho

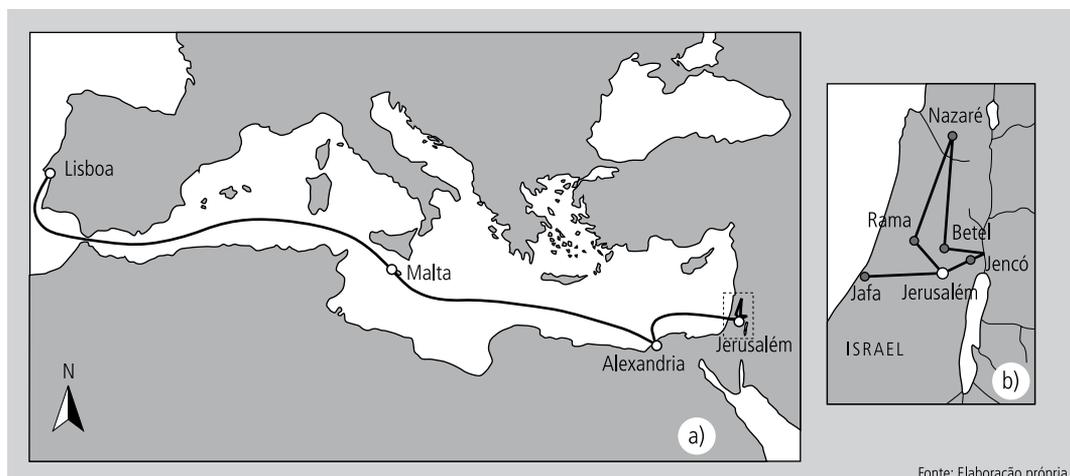


Figura 1 | Percurso de Teodorico relatado n’*A Relíquia*. a) Itinerário global; b) Pormenor da Terra Santa.

do rio Jordão, pernoitam em Jericó – acompanhados de um cozinheiro, um beduíno e um arrieiro como criados – onde Teodorico ‘sonha’ uma Paixão de Cristo. Seguem então para Betel e Nazaré e, descendo por Samaria, passam por Rama, em direção a Jerusalém, onde voltam a hospedar-se no Hotel do Mediterrâneo. No regresso, ainda passam por Jafa, pernoitando no Hotel de Josefatz, antes de voltarem a apanhar o Caimão de volta a Alexandria, onde, mais uma vez, se hospedam no Hotel das Pirâmides. É lá que Teodorico embarca no El Cid Campeador, de regresso a Portugal, onde chega duas semanas depois, já em janeiro.

Embora o Oriente integre as ‘vivências’ de um conjunto assinalável de personagens do escritor, o trajeto relatado pelo personagem principal d’*A Relíquia* denota evidentes similaridades com o efetivamente cumprido pelo seu autor, tanto no tempo (entre 23 de outubro de 1869 e 3 de janeiro de 1870), quanto no itinerário (incluindo Cádiz, Gibraltar, Alexandria, Cairo, Port Said, Suez, Jerusalém, os vales de Cédron, Josafatz e Siloé, o Mar Morto e Beirute) (Mónica, 2001). Não obstante, para Eça, o apelo pelo Oriente é tributário do fascínio próprio à época setecentista, da desilusão provocada pelo progresso nas sociedades ocidentais, além de asseverar a influência de obras de destacados escritores seus contemporâneos⁹:

[...] o Oriente exercia, na verdade, sobre Eça de Queirós, uma sedução resultante do contraste entre o exotismo de uma cultura milenária autêntica, que evoca o passado das suas tradições e costumes suspensos no tempo, e a padronizada civilização ocidental num permanente processo de modernização que a ia lentamente descaracterizando (Nunes, 2012, p. 66).

Apesar de ficcional, é objetivamente possível – tanto na forma, como no conteúdo – reconhecer em Teodorico um turista internacional¹⁰ (tanto no que diz respeito ao destino, à duração, aos propósitos ou, ainda, aos recursos mobilizados). A sua tipificação desafia, contudo, as convenções:

- enquanto o conceito de turismo cultural remonta à ideia de “manifestação comercializada do desejo humano de observar o modo de vida de outrem”, estando este frequentemente associado a um propósito de autodescoberta e salientando a importância do desenvolvimento, da apresentação e interpretação dos recursos culturais (Dewar, 2000, pp. 125-126), Teodorico evidencia, amiudadamente, indiferença pelos lugares visitados, não manifestando qualquer esforço de integração cultural (Nunes, 2012);
- alternativamente, a assunção de uma condição de peregrino – num racional de turismo religioso (Vukonić, 2000, p. 497) –, ainda que viável do ponto de vista formal (isto é, no itinerário), esbarra na sua essência, na medida em que a viagem considerada não responde a qualquer imperativo espiritual íntimo ou preceito confessional.

Desta forma, torna-se inevitável considerar que o protagonista d’*A Relíquia* é, antes de mais, impellido por intuítos meramente hedonísticos, já que o périplo lhe permite relaxar da habitual disciplina doméstica e lhe proporciona o disfrute do prazer carnal. Distingue-se, portanto, do companheiro Topsius (apesar de os dois personagens serem inseparáveis), que parece mais devotado à dimensão cultural e científica da viagem, a cuja descrição se dedica à noite e de onde resultariam os sete volumes de uma ‘Jerusalém Passeada e Comentada’.

A terminar, importa ainda salientar que – em dissonância com o protagonista, que evidencia as características contemporâneas de um turista – o relato contido n’*A Relíquia* se assemelha ao registo

⁹ Entre as quais a *Vida de Jesus* de Renan, *Salammbô*, de Flaubert, *Viagem ao Oriente*, de Nerval ou *Constantinopla*, de Gautier (Mónica, 2001; Nunes, 2012).

¹⁰ “[...] o termo ‘visitante internacional’ refere-se a qualquer pessoa em visita a um país que não aquele onde usualmente reside, mas fora do seu ambiente habitual, por um período não superior a 12 meses e cujo propósito de visita seja outro que não o de aí exercer uma actividade remunerada. Os ‘turistas internacionais’ (visitantes pernoitantes) referem-se aos visitantes internacionais que ficam uma noite em alojamento colectivo ou privado do país visitado” (WTO, 1995, pp. 29-30).

humorístico, no que concerne o registo paródico, e sensível, das insignificâncias quotidianas, tudo narrado em jeito de memórias. Para um escritor como Eça – profundamente conhecedor das correntes culturais e artísticas do seu tempo – e numa obra tão pensada e povoada de intenções provocativas como é *A Relíquia*, tal formato pode não ter sido meramente acidental, mas esta é uma questão além do objeto do presente estudo.

5. Ideias finais

Não orientada por desideratos performativo-funcionais (como a verificação de uma proposição ou tese concreta), a análise aqui efetuada procurou contribuir para a aproximação entre Turismo e Literatura, mormente o recurso a uma perspetiva multidisciplinar. Mais concretamente, sugere a viabilidade da apreciação do discurso literário, a partir de uma perspetiva fundeada no estudo do Turismo, assim invertendo as práticas mais ortodoxas (onde este é objeto de estudo literário-cultural).

Ao longo deste trabalho, a noção de viagem foi abordada numa perspetiva histórico-literária, desde a Idade Clássica até aos finais do século XIX, salientando-se como aquela reflete os significados e o espaço em que se inscreve. Prosseguindo-se para uma breve biografia de Eça de Queirós – um dos maiores expoentes literários europeus do seu tempo –, verificou-se como a sua vida atesta, indelevelmente, uma condição de viajante e, frequentemente, de turista, facto não despiciendo na sua evolução artística. Disso mesmo é exemplo a sua viagem à inauguração do Canal do Suez, parcialmente vertida n’*A Relíquia* e cujo protagonista é qualificável como turista. Paralelamente, a parcela da obra respeitante à viagem denota características de um relato humorístico.

Todavia, e reconhecendo-se uma unidimensionalidade interpretativa, poderia ser pertinente contemplar a ampliação da presente análise à obra queirosiana na sua totalidade, assim se aferindo a sua

permeabilidade à ideia de viagem e sua eventual evolução. Complementarmente, afigura-se igualmente válido comparar as ideias de viagem articuladas por Eça com as de outros escritores de língua portuguesa – contemporâneos ou não, nacionais ou estrangeiros – ao longo da História, assim como contrastá-las com as de outros expoentes literários europeus da mesma época, explorando afinidades e dissemelhanças. Mais importaria, ainda, pesquisar o tempo (quando), o modo (como) e o significado (que) da articulação das ideias de turista e turismo, nos moldes agora propostos, nomeadamente em comparação com a ideia da viagem ao longo da história da literatura.

Referências bibliográficas

- Dewar, K. (2000). Cultural tourism. In J. Jafari (Ed.), *Encyclopedia of tourism* (pp. 125-126). London: Routledge.
- Ferreira, A. M. A. P. (2003). *O turismo como propiciador da regeneração dos centros históricos. O caso de Faro*. Tese de Doutoramento, Universidade de Aveiro, Aveiro.
- Figueiredo, S. L., & Ruschmann, D. V. d. M. (2004). Estudo genealógico das viagens, dos viajantes e dos turistas. *Novos cadernos NAEA*, 7(1), 155-188.
- Holloway, J. C. (1994). *The business of tourism*. Harlow: Longman.
- Mónica, M. F. (2001). *Eça de Queirós*. Lisboa: Quetzal.
- Nunes, M. d. G. P. G. (2012). *A viagem em 'A Relíquia' e 'O Mandarin': A dinâmica das pausas de uma caminhada literária*. Tese de Mestrado, Universidade Aberta, Lisboa.
- Park, C. H. (2012). *Nerval, écrivain voyageur: Une nouvelle forme de voyage littéraire*. Tese de Doutoramento, Université Paris Ouest, Paris.
- Queirós, E. d., & Berrini, B. (2000). *Literatura e arte: Uma antologia*. Lisboa: Relógio D'Água Editores.
- Queirós, E. d., & Moura, H. (2000). *Obras de Eça de Queirós: Notas contemporâneas* (Vol. 13). S.l.: Ed. Livros do Brasil.
- Queirós, E. d. (1982). *A Relíquia*. S.l.: Publicações Europa-América.
- Reis, C. (2000). *O essencial sobre Eça de Queirós*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Sacramento, S. M. P. d. (2004). Viagem e turismo cultural. *Revista Urutágua*, 6. Acedido a 23 de janeiro de 2014, disponível em <http://www.urutagua.uem.br/006/06sacramento.pdf>
- Saraiva, A. J. & Lopes, O. (1976). *História da literatura portuguesa*. Porto: Porto Editora.
- Simões, J. (1980). *Vida e obra de Eça de Queirós*. Amadora: Livraria Bertrand.
- Tribe, J. (1997). The indiscipline of tourism. *Annals of Tourism Research*, 24(3), 638-657.
- Vuković, B. (2000). Religion. In J. Jafari (Ed.), *Encyclopedia of Tourism* (p. 497-500). London: Routledge.
- WTO (1995). *Concepts, definitions and classifications for tourism statistics*. Madrid: World Tourism Organization.